

# ‘Não há investimento se não houver vontade política’

Esta é a íntegra do pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções para o Desenvolvimento da Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul:

“O ministro Paulo Paiva expôs, em linhas gerais, o conteúdo deste protocolo de entendimentos. E o governador Antônio Britto, com eloquência e propriedade, chamou a atenção para os fatos principais, que estão envolvidos nesta solenidade.

Eu queria lembrar, inicialmente, que chegamos a esse protocolo, não apenas porque havia um compromisso meu de colocar um esforço grande da União, em colaboração com o Estado e com os municípios, na Metade Sul, assim como nas outras regiões do Brasil já mencionadas pelo ministro Paulo Paiva, para recuperar a autoconfiança, a auto-estima dessas regiões, mas, também, porque houve um trabalho do governador e dos parlamentares. E eu acho que, vou citar só um nome – mas ao citar esse nome peço que os parlamentares se sintam todos citados – o Fetter Júnior, que lutou bastante para que isso aqui ocorresse.

E, de fato, foi um conjunto de esforços dos deputados. Vejo, agora, com muita alegria, o João Gilberto, secretário da Metade Sul do Rio Grande do Sul, o que também é um motivo para mim, pessoalmente, de satisfação. Eu me sinto muito a vontade. Aqui estou cercado de amigos. Os gaúchos são, talvez, dos povos dos Estados brasileiros aqueles com os quais tenho maior convivência. Uma longa convivência política. Esta aí o senador Pedro Simon para testemunhar com os cabelos brancos dele – que ele pinta e eu não, então com os meus – para testemunhar que a nossa relação política de amizade é muito antiga, e o carinho que tenho pelo Rio Grande do Sul.

O governador Britto fez referência a algo que me deixou muito contente, que é a questão da solidariedade. Solidariedade não pode ser um gesto momentâneo. Solidariedade tem que ser uma atitude permanente. E para com as regiões mais carentes do Brasil, essa solidariedade implica, não apenas no momento de algum flagelo e, nesse momento,

temos que estar aí presentes também. Mas implica, o tempo todo, estar refazendo as condições para que as regiões possam ter, de novo, um florescimento.

Esse é o caso da Metade Sul do Rio Grande do Sul. Não é o único. Aqui se mencionaram o Rio de Janeiro e o Nordeste. Já direi algumas palavras sobre as duas regiões. Mas no caso da Metade Sul, há uma obrigação histórica, um compromisso histórico nosso. Nessa Metade Sul, nós travamos muitas lutas, historicamente, pela constituição do Brasil.

Quem conhece a história da região, e eu tenho a satisfação de conhecê-la – trabalhei bastante o século 18 e 19 no Rio Grande do Sul, e a Metade Sul do Rio Grande do Sul – sabe que a formação da nacionalidade encontrou um esteio naquela região. Aqueles campos, em outra época, eram campos indefinidos. Não se sabia bem se de lusitanos ou espanhóis, depois se de brasileiros ou dos nossos vizinhos. E aquilo foi conquistado com muito esforço, com muita luta, com uma vontade decidida de marcar a presença do Brasil. Tentou-se chegar até as barrancas do rio da Prata, e depois, prudentemente, houve outros acertos. Mas, de qualquer maneira, na Lagoa dos Patos, marcamos ali a nossa metade também, e na Lagoa Mirim, também estamos lá com ela assegurada, e assim vai.

Recentemente, com o governador Britto, estive lá, em Uruguaiana, num momento, aliás de flagelo, momento de inundação. Fomos até ver de perto essa inundação. E fomos lá para, exatamente, celebrar um convênio para trazer energia para o Rio Grande do Sul. Mais tarde, soube que alguns frigoríficos tinham sido reabertos, naquela região. Frequentemente, recebo pessoa da Metade Sul do Rio Grande do Sul e vou lhe confessar, a pureza, que eu tinha uma enorme preocupação no que diz respeito às consequências do Mercosul sobre aquela região. Eu ainda era ministro das Relações Exteriores e recebi o prefeito de Pelotas, que estava preocupado com as consequências do Mercosul, com a competição que haveria na questão das frutas, dos pêssegos, e por aí vai.

Pois bem, o que estamos celebrando agora não é apenas um

convênio a mais. E uma continuidade, isso não começou hoje, vem do início do governo, mas é o fato de o Rio Grande do Sul ter sido capaz, sobretudo na sua Metade Sul, de encontrar, de novo, o seu caminho, o seu rumo.

Estive em Santiago, recentemente, tive uma conversa muito agradável e longa com o presidente dos Estados Unidos, o Bill Clinton. E conversamos sobre a decadência e ressurreição das cidades. Eu estava preocupado, como estou, com o que possa acontecer com as antigas cidades de industrialização no Brasil, como é o caso do ABC, em São Paulo, e os Estados Unidos tem passado por um progresso semelhante. Detroit e várias outras cidades, Pittsburgh, várias outras cidades e a própria Nova York sofreram uma desindustrialização.

E o presidente Clinton estava me recordando de que eles levaram 20 anos para dar um novo rumo àquelas cidades, que hoje encontraram esse novo rumo, e se dispoem a mandar especialistas ao Brasil, para que não percam tempo na reconversão das nossas cidades e não insistamos naquilo que elas não, algumas delas, não poderão ser, que é continuar a ser cidades industriais. Tem que ser cidades de serviços, tem que ser cidades com outro espírito, mas terão uma vida tão florescente quanto tiveram no período de industrialização.

Isso se aplica a Metade sul do Rio Grande do Sul. Talvez não possamos mais reconstruir tudo do que foi a antiga vida gaúcha de vastas áreas do Rio Grande do Sul, mas vamos, certamente, manter o que pudermos e vamos encontrar novos caminhos. Essa informação, dada pelo governador Britto, é muito impressionante.

Eu soube ontem, pelo ministro Britto também, não sei se é da mesma família, que dizia que no Rio Grande do Sul o acordo com a Argentina trazia 1 mil megawatts adicionais, e que os argentinos se dispõem a mais 1 mil megawatts adicionais. Isso mostra o que? Isso mostra a percepção que há já, fora do Brasil, de que o Rio Grande do Sul reencontrou o seu caminho. E quantas discussões eu tenho tido aqui, e lá fora, inclusive com o presidente do Uruguai, porque querem saber qual vai ser o trajeto da estrada que vai carregar da Argen-

tina e do Uruguai as mercadorias e as pessoas para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. Vai ser a 290, vai ser de Uruguaiana, ligada a Porto Alegre ou, quem sabe, possamos ter uma de Jaguarão para Porto Alegre? E por que não as duas? Que é a minha preferência. Então, estamos vendo que já, lá fora, as pessoas estão sentindo que o Estado do Rio Grande do Sul, hoje renasceu com muita força.

Estive, recentemente, em Porto Alegre, acompanhado por alguns dos que aqui estão, inclusive o governador e o ministro Padilha, e fomos a uma ampliação da linha de metrô, da Trensurb. E depois, eu com o governador Britto, de helicóptero, fomos ver a área onde está sendo construída a fábrica da General Motors. Acho que todos os brasileiros deviam ter a possibilidade de ver o que significa uma obra ciclópica. É uma massa imensa de terra e de gente trabalhando. É que, dentro de muito poucos anos, serão postos de trabalhos, riqueza para o Rio Grande do Sul. Porque não é só que vai ser uma fábrica, vão ser duas fábricas, e que tem todo um sistema que se monta, das autopeças que para lá vão.

É o Rio Grande do Sul que, também, ainda quando era já ministro da Fazenda, tinha problemas tremendos na indústria de calçados por causa do câmbio, sempre o câmbio. O que aconteceu? Também demos atenção a indústria de calçados. E hoje está acontecendo lá algo que é muito interessante. É que, ao mesmo tempo que essas indústrias têm filiais no Ceará, na Paraíba, sei lá onde mais, renascem no Rio Grande. Então, o Rio Grande está dando um exemplo ao Brasil. A Metade Sul, que era nossa preocupação no início do governo, para saber o que fazer para que, finalmente, houvesse essa efetiva incorporação da Metade Sul a prosperidade nacional, a prosperidade gaúcha, hoje ela encontrou o seu caminho.

O Rio Grande, sem dúvida alguma, encontrou o seu caminho. E os dados estão aí. A taxa de crescimento da economia gaúcha é maior do que a taxa de crescimento, muito maior do que a média, do que a média nacional. Isso não se faz senão porque há cooperação do governo federal com o estadual e com os municí-

pais, esforço da população e investimento. Não há outra mecânica. E não há investimento se não houver, também essa compreensão de que há uma coordenação política e uma vontade decidida de que as coisas avancem.

Então estamos aqui simplesmente, governador, senhores parlamentares, senhores prefeitos, senhoras e senhores, dando continuidade a essa solidariedade prática. E estamos fazendo obras que estruturam.

Recentemente, fui ao Nordeste, e irei de novo amanhã. Fui lá ao Ceará. E quantos jornalistas, e aqui estão alguns, me perguntaram: “Ah, e as obras?” Olhem, nunca se fez tanta obra estruturadora no Nordeste, como nesse governo. O dado mencionado pelo ministro do Planejamento, Paulo Paiva, é verdadeiro, como os bilhões de metros cúbicos de água que lá estão. Tomamos um relatório do Senado, da comissão presidida pelo senador Carlos Wilson, e fizemos uma revisão. As obras que não serviam mais pusemos à margem, as outras nós retomamos. Muitas delas terminamos ou estão em marcha. Eu sei até de cor, mas não vou cansá-los dizendo o nome de cada açude ou de cada obra importante de reestruturação do Nordeste. Mas não é só água, é também a questão da irrigação. É também a questão dos portos. É também a questão – sonhos antigos, como de Pernambuco – da Transnordestina, que está sendo feita. Fizemos o protocolo, e está aqui o vice-presidente da República, que é de Pernambuco, e sabe o esforço que temos feito nisso. Os portos, como o porto de Suape, é do governo estadual, mas o dinheiro é nosso, é federal. Está sendo feito o porto de Pecem, no Ceará. Em toda parte do Brasil, a preocupação tem sido a das obras reestruturadoras. Isto é solidariedade prática e solidariedade das gerações futuras.

Quando ocorre alguma tragédia, como agora, o flagelo de seca que está prosperando, temos que ter solidariedade também, específica. E temos que nos organizar, porque senão fazemos um movimento que não resulta no proveito da população. Sobre tudo esses movimentos de saque, que isso eu digo: é uma imoralidade. Imoralidade. Porque estão usando da pobreza, da fome, pa-

ra fazer desorganização daquilo que é necessário: pôr em ordem, que é a capacidade de distribuição de alimentos. Mas, isso são detalhes, no conjunto o que vale é o rumo.

Finalizo, dizendo que estou totalmente de acordo, também, com o governador Britto, com o que ele disse a respeito – já falei nessa manhã, do episódio das votações. Primeiro, agradeço ao Congresso. Ontem, tivemos, na verdade, tínhamos, a nosso favor 309 votos. Dois erraram. Mas, chegar ao quarto ano do governo, como digo hoje, com essa massa de votos na Câmara, tenho que agradecer à Câmara. Aos líderes, aos deputados. E quero mais. Quero mais, quero ganhar a votação na semana que vem, porque não vamos ficar de braços cruzados assistindo aquilo que foi descrito pelo Britto: os que se aproveitam, falam em nome do povo para se aposentar precocemente. No caso, aqui, o que foi votado ontem, só vale para os que vierem a entrar para o funcionalismo. Não afeta, em nada, o equilíbrio fiscal. E foi um alerta. Tenho certeza de que esse brado de alerta vai levar os deputados a uma objeção, ainda maior, para termos uma votação esmagadora, semana que vem, e esse que faltou agora, não se preocupe, tenho modo de repor. E vamos repor, porque o Brasil não vai parar, ou pela vontade obstinada de ganhar a qualquer custo, não sei o quê, ou melhor, de perder a qualquer custo, que eles perdem, são minorias, mas obstruem. Ou então da moleza de alguns, no setores de base, chamada a base do governo, como disse que está se desprendendo, e é bom que se desprenda, porque banda podre é bom longe. Banda podre é bom longe.

Mas acho que, tenho certeza de que, com esse ânimo, que é esse ânimo gaúcho – e o governador não disse, mas ele nasceu lá, na Metade Sul do Rio Grande do Sul –, com esse ânimo gaúcho, com esses esforços coordenados, vamos fazer, termino dizendo isso, o Brasil vai acabar, outra vez, imitando o Rio Grande. O que vocês estão fazendo lá, eu quero que o Brasil inteiro faça: que recobre a confiança, trabalhe, crie desenvolvimento, melhore a situação de vida do povo, dentro da democracia e num clima de fraternidade.”